

tirado do CAPÍTULO 2 -Dos Bens aos Serviços – a transformação da forma da economia do livro 'O ADVENTO DA SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL: UMA TENTATIVA DE PREVISÃO SOCIAL' do sociólogo americano Daniel Bell, publicado pela Editora Cultrix 1977

força de trabalho, poderá ser tão reduzido quanto o dos lavradores de hoje; na verdade, todo o campo de trabalho dos empregados de escritório poderá ter sido de tal forma reduzido, que essa expressão ficará despojada de seu significado sociológico quando novas categorias, mais adequadas às divisões da nova força de trabalho, estiverem estabelecidas. Em lugar do operário, vemos a dominância da classe profissional e técnica na força de trabalho — a tal ponto que, por volta de 1980, ela ocupará o segundo lugar entre os grandes grupos ocupacionais da sociedade, e o primeiro lugar quando o século chegar ao fim. Esta é a nova revolução dúplice que se processa na estrutura das ocupações e, na medida em que a ocupação determina as outras modalidades de comportamento (o que também está diminuindo) trata-se igualmente de uma revolução na estrutura de classes da sociedade. Esta modificação no caráter da produção e das ocupações representa um dos aspectos do aparecimento da sociedade pós-industrial.

O conceito de sociedade pós-industrial adquire significado quando se comparam seus atributos aos da sociedade industrial e pré-industrial.



Pré-industrial

Nas sociedades pré-industriais — condição prevaiente ainda hoje na maior parte do mundo — a força de trabalho é absorvida sobretudo pelas atividades extrativas: mineração, pesca, silvicultura, agricultura. A existência representa antes de tudo um jogo contra a natureza. Trabalha-se com a força bruta dos músculos, à moda dos antepassados, e o sentido que cada qual tem do mundo é condicionado pela dependência dos elementos: estações do ano, natureza do solo, quantidade de água. O ritmo da existência é modelado por essas contingências. A sensação do tempo é a da *durée*, o de momentos longos e breves, e o ritmo do trabalho varia com as estações e com as intempéries. Por se tratar de um jogo contra a natureza, a produtividade é baixa e a economia fica subordinada às vicissitudes da natureza tangível e das caprichosas flutuações dos preços das matérias-primas na economia mundial. A unidade da vida social é uma extensão da vida doméstica. A prosperidade consiste em alimentar as bocas suplementares sempre que necessário — como quase sempre acontece. Devido à baixa produtividade e à numerosa população, o subemprego chega a uma porcentagem elevada, geralmente distribuída pelos setores da agricultura e dos serviços domésticos. Desta maneira, é elevado o

---

retórica e, no penúltimo capítulo de *O Capital*, ao descrever, sem investigar, o dobre dos sinos que anunciam a morte do capitalismo, ele escreve: “Acompanhando o número cada vez menor dos magnatas do capital... cresce a revolta da classe operária, classe cujo número é cada vez maior... A centralização dos meios de produção e a socialização do trabalho atingem finalmente um ponto em que se tornam incompatíveis com seu tegumento capitalista. Este tegumento se rompe.” (*Capital*, vol. I, p. 837.)

componente dos serviços, mas de tipo pessoal ou doméstico. Como os indivíduos buscam apenas ganhar o seu sustento, o serviço doméstico custa pouco e é abundante. (Na Inglaterra, até meados do período vitoriano, a classe ocupacional mais numerosa da sociedade era a dos empregados domésticos. Em *Vanity Fair*, Becky Sharp e o Capitão Rawdon Crawley não possuíam um vintém, mas tinham um criado; Karl Marx e sua numerosa família viviam em dois cômodos no Soho, durante a década de 1850, e eram às vezes despejados por falta de pagamento do aluguel, mas tinham uma fiel criada, Lenchen, e por vezes duas.) As sociedades pré-industriais são do tipo agrário e estruturadas segundo moldes tradicionais de rotina e autoridade.



Industrial

As sociedades industriais — principalmente às do litoral do Atlântico Norte, mais a União Soviética e o Japão — são sociedades produtoras de bens. Sua existência é um jogo contra a natureza fabricada. O universo tornou-se técnico e racionalizado. A máquina predomina, os ritmos de vida são mecanicamente regulados: o tempo é cronológica, mecânica e uniformemente dividido. A energia substituiu o músculo puro e simples, e fornece a força que constitui a base da produtividade — a arte de produzir mais gastando menos — sendo responsável pela maciça produção de bens, característica da sociedade industrial. A energia e as máquinas transformaram a natureza do trabalho. As capacitações subdividiram-se em componentes mais simples, e o artesanato do passado foi substituído por duas novas figuras: a do engenheiro, responsável pelo planejamento e pelo fluxo do trabalho, e a do operário semi-especializado, o elo humano entre as máquinas — até o momento em que a engenhosidade técnica do engenheiro crie uma nova máquina, que o virá substituir também. Trata-se de um universo coordenado, no qual os homens, os materiais e os mercados estão solidamente interligados para a produção e distribuição dos bens. Trata-se de um universo cronometrado e programado, no qual os componentes dos bens são agrupados no momento exato e nas proporções, de modo a facilitar o fluxo dos mesmos. Trata-se de um universo organizado — hierárquica e burocraticamente — no qual os homens são tratados como “coisas”, porque as coisas são coordenadas mais facilmente que os homens. De modo que introduz-se uma imprescindível distinção entre a função e a pessoa, distinção essa formalizada no gráfico da organização da empresa. As organizações lidam com os requisitos das funções, e não com as pessoas. O critério da *techne* é a eficiência, e a maneira de viver é moldada pela Economia; como extrair a maior quantidade de energia de uma dada unidade de recurso natural (carvão, petróleo, gás, energia hidráulica) com a melhor máquina e a que preço comparativo? As palavras de ordem são maximização e otimização, numa cosmologia derivada do engenhoso cálculo de Jeremy Bentham. A unidade é o indivíduo, e a sociedade livre é a soma total das decisões individuais, tal como se apresentam reunidas nas demandas eventualmente registradas num

mercado. Na realidade, a vida nunca é “unidimensional”, como pretendem os que convertem toda tendência num absoluto ontológico. Subsistem os elementos tradicionais. Intervêm grupos de trabalho, impondo seus próprios “ritmos” e seus “espantalhos” (ou restrições aos produtos), sempre que possível. O desperdício é enorme. Proliferam os particularismos e a política. Isto tudo ameniza a implacável qualidade da existência industrial. O essencial, entretanto, as características técnicas, subsistem.



## Pós-Industrial

Uma sociedade pós-industrial tem como base os serviços. Assim sendo, trata-se de um jogo entre pessoas. O que conta não é a força muscular, ou a energia, e sim a informação. A personalidade central é a do profissional, preparado por sua educação e por seu treinamento para fornecer os tipos de habilidades que vão sendo cada vez mais exigidos numa sociedade pós-industrial. Se a sociedade industrial se define pela quantidade de bens que caracterizam um padrão de vida, a sociedade pós-industrial define-se pela qualidade da existência avaliada de acordo com os serviços e o conforto — saúde, educação, lazer e artes — agora considerados desejáveis e possíveis para todos.

A palavra “serviços” compreende diferentes coisas e, na passagem de uma sociedade do tipo industrial para o tipo pós-industrial, encontram-se vários estágios. Em primeiro lugar, no próprio desenvolvimento da indústria, há uma expansão necessária dos transportes e das utilidades públicas, tidos como serviços auxiliares para a movimentação dos bens, e o crescente uso da energia, assim como um aumento da força de trabalho não-manufatureira, mas ainda operária. Em segundo lugar, no consumo em massa dos bens e no desenvolvimento das populações, ocorre um aumento na distribuição (vendas por atacado e a varejo), nas finanças, nos bens de raiz e nos seguros, centros tradicionais de emprego. Em terceiro lugar, com o aumento das rendas nacionais, verifica-se, como no teorema de Christian Engel, estatístico alemão da segunda metade do século XIX, que a proporção do dinheiro consagrado à alimentação no lar começa a baixar e que os aumentos marginais são utilizados antes de tudo, para a aquisição de artigos duráveis (roupas, habitação, carros) e depois para artigos de luxo, para o lazer, e assim por diante. Desta maneira, começa a desenvolver-se um terceiro setor, o dos serviços pessoais: restaurantes, hotéis, postos de serviços para automóveis, viagens, diversões, esportes, à medida que os horizontes das pessoas se vão ampliando e surgindo novas necessidades e preferências. Neste ponto, porém, começa a intervir uma nova consciência. Os clamores pela boa vida prometida pela sociedade vão-se centralizando em duas áreas fundamentais para essa vida: a da saúde e a da educação. A eliminação das doenças e o crescente número de pessoas capazes de viver integralmente a sua vida, e mais os esforços visando a aumentar a duração da existência, transformaram os serviços sanitários numa das características mais importantes da sociedade moderna; e o aumento

das exigências técnicas e das habilidades profissionais faz da educação e do acesso à instrução superior a condição para o ingresso na própria sociedade pós-industrial. Temos portanto aqui o desenvolvimento de uma nova *intelligentsia*, constituída particularmente de professores. Finalmente, as exigências de maior número de serviços e a incapacidade do mercado para atender as necessidades que têm as pessoas tanto de um meio ambiente decente como de mais saúde e educação, levaram a desenvolver o governo, particularmente ao nível local e do Estado, onde essas necessidades terão de ser atendidas.

De modo que a sociedade pós-industrial é também uma sociedade "comunal", cuja unidade social é a comunidade, mais do que o indivíduo, e é mister chegar-se a uma "decisão social" em lugar de simplesmente à soma total das decisões individuais que, quando reunidas, acabam por se transformar em pesadelos, a exemplo do que acontece com o carro particular e com a congestão do trânsito coletivo. Contudo, a cooperação entre os homens é mais difícil que a administração das coisas. A participação passa a constituir uma das condições da comunidade, mas, quando vários grupos diferentes desejam coisas muito diversas e não se dispõem a entrar em acordo ou a negociar o resultado, surge um aumento de conflitos ou de situações sem saída. A política terá de ser de consenso ou de obstrução.

Como jogo entre pessoas, a vida social torna-se mais difícil, porque as exigências políticas e os direitos sociais se multiplicam, os mais velhos se assustam diante da rapidez das mudanças sociais e das oscilações culturais da moda, enquanto a orientação para o futuro vai desgastando as diretrizes tradicionais e morais do passado. A informação passa a representar o recurso central e, no seio das organizações, uma fonte de poder. O profissionalismo torna-se assim um critério de posição, mas ele entra igualmente em choque com o populismo, gerado pelas reivindicações de novos direitos e de uma maior participação na sociedade. Se a luta entre o capitalista e o operário, na fábrica, constituía o traço distintivo da sociedade industrial, o choque entre o profissional e o populacho, no seio da organização e na comunidade, é o traço distintivo do conflito na sociedade pós-industrial.

É esta, portanto, a trama sociológica do esquema do desenvolvimento social que leva à sociedade pós-industrial.<sup>4</sup> A fim de identificar mais diretamente seus delineamentos estruturais e suas tendências gerais, voltar-me-ei agora para a distribuição dos empregos por setores econômicos e para as modificações que ocorrem no perfil das ocupações na economia americana.

---

4. As questões teóricas mais amplas da natureza da posição de classe e do poder, assim como as mudanças no sistema de estratificação, vêm discutidas no cap. 6.